

CAROLINE LASNEAUX

DA EQUIPE DO CORREIO

Um aglomerado de espectadores no saguão do Cine Brasília se reveza em dois papéis: discutir um filme recém-assistido ou se preparar para a próxima sessão. Poderia ser uma noite de sábado comum, mas a efervescente dinâmica no local acusa novidades. Não é época do tradicional Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e, mesmo assim, a sala de exibição tem boa lotação, com dois terços das 600 poltronas ocupadas. O cenário animador – para um espaço com módica frequência diária – é momentâneo, por causa de duas mostras de filmes gratuitas e simultâneas.

“Lota tanto que é até difícil encontrar lugar”, observa o estudante universitário Júlio Aratânia, ao lado da namorada, Renata Torres, ambos atraídos pelo panfleto com as sinopses das fitas do Festival de Filmes Europeus. Passada a euforia dos novos ares vistos no Cine Brasília, os problemas se empilham. “Falta um café. Cinema não é só refrigerante e pipoca”, opina o funcionário público Hudson Romerio. A namorada dele, Márcia Azevedo, endossa o descontentamento. “Por ser bibliotecária, não tenho alergia a nada, mas o carpete daqui é problemático, pelo cheiro de mofo.”

O médico Lúcio Flávio Nasser, fre-

quentador assíduo do Cine Brasília há 20 anos, enxerga outros problemas. “Falta uma livraria e um bar, além de sabonete e papel higiênico nos banheiros. O estacionamento e a localidade são bons, mas poderiam ser mais bem iluminados”. A falta de segurança também é motivo de preocupação para o administrador Neimar Paschoal. “Venho às mostras porque me sinto mais seguro. Há algumas semanas, vi vidros de carros quebrados no estacionamento”, conta.

As queixas dos poucos brasilienses que ainda resistem à situação de abandono do mais antigo cinema da cidade – mesmo que somente durante mostras temáticas – podem finalmente deixar de existir, segundo a Secretaria de Cultura do Distrito Federal. Está sendo programado para ainda este ano o início da revitalização do Cine Brasília, obra de Oscar Niemeyer inaugurada como parte das comemorações da transferência da capital federal. A

recuperação colocaria de pé o projeto feito pelo arquiteto em 1991, que prevê a construção de uma anexo atrás do cinema. Os dois espaços, com entradas independentes, fariam parte de um complexo cultural com

lojas, restaurantes, cafés e livrarias. “A intenção é criar uma estrutura completa para que o Cine Brasília volte a ter a efervescência cultural de antes”, afirma o secretário de cultura do DF, José Silvestre Gorgulho.

“A INTENÇÃO É AGREGAR UMA SÉRIE DE POSSIBILIDADES AO CINEMA, QUE, APESAR DE SUCATEADO HÁ ALGUM TEMPO, É DE GRANDE IMPORTÂNCIA

Beto Sales,
secretário-adjunto de Cultura

O trabalho de trazer o glamour típico da década de 1960, quando as poltronas do cinema eram disputadas por intelectuais e políticos da cidade, já começou. O processo para dar início às obras depende da aprovação do Ministério da Cul-

tura. O financiamento, segundo o secretário-adjunto da Cultura, Beto Sales, pode vir da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet) ou de parcerias com empresas privadas. “Pode ser o caso do primeiro edital de patrocínio do DF. Com toda a mi-

nha experiência, vejo com muito otimismo a possibilidade de captar dinheiro desta maneira”, diz.

Para não depender de licitações para a utilização comercial do anexo, segundo Sales, seria necessário criar uma associação de amigos, organização não-governamental que tem por finalidade captar recursos e ajudar na manutenção do equipamento cultural. “Quando ocorrem licitações, sempre acaba ganhando o projeto com menor custo. Assim, pode acontecer de os vencedores serem empresas não preparadas para ocupar o local comercialmente”, destaca o secretário-adjunto.

O dinheiro vindo dos patrocinadores será encaminhado diretamente à associação, que terá a função de dar o suporte e gerir a verba. Os associados serão escolhidos a partir de convocações públicas. “Grande parte dos equipamentos culturais já trabalha com essas associações e adotou soluções alternativas”, diz Sales. “É uma tendência mundial, que desonera o Estado, apesar de também ser obrigação do governo cuidar disso”, completa.

A revitalização

O anexo será uma área de convivência com espaço para 12 lojas – livrarias, cafés ou restaurantes. Com o trabalho da associação, não será preciso fazer licitação para o preenchimento do co-

mércio. A escolha será feita pela Secretaria de Cultura, em parceria com a associação de amigos. Os dois vão avaliar a disponibilidade e o interesse do empreendimento em incrementar o novo conjunto cultural.

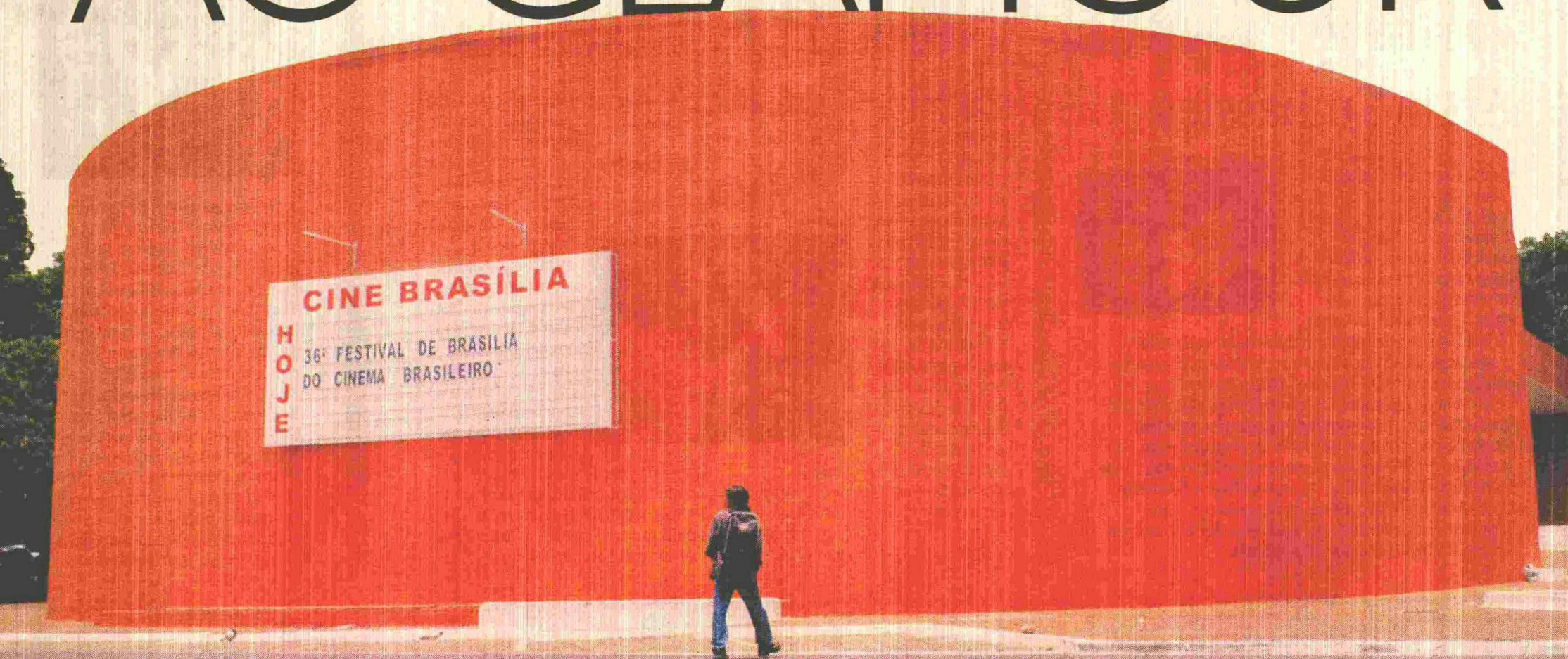
O desenho de Niemeyer também prevê um subsolo, onde serão instalados os banheiros. Vai ser construída uma varanda do lado direito do anexo, onde ficarão mesinhas para convivência. O interior do antigo cinema também passará por reformas, com troca das poltronas, dos carpetes, do ar-condicionado e do sistema de som. “A intenção é agregar uma série de possibilidades ao cinema que, apesar de estar sucateado há algum tempo, é de grande importância para a cidade”, diz Sales.

Ainda sem orçamento definido, o que vai depender de uma análise do projeto de Niemeyer, as mudanças devem começar até o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, no segundo semestre. As obras fazem parte do projeto de revitalização dos espaços culturais do DF. O Teatro Nacional foi o primeiro a ter o serviço autorizado, com orçamento de R\$ 2,4 milhões. O Museu de Arte de Brasília (MAB) deve ser o próximo a ganhar novas esquadrias, pintura externa e impermeabilização.

COLABOROU RICARDO DAEHN

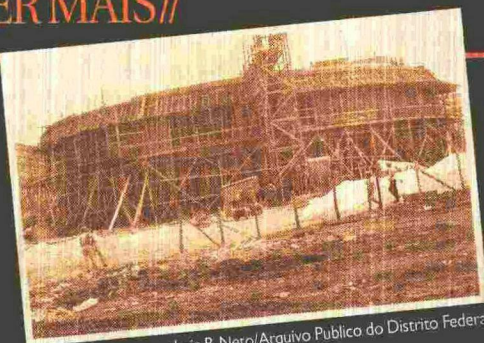
DE VOLTA AO GLAMOUR

O MAIS ANTIGO CINEMA DE BRASÍLIA SERÁ REVITALIZADO. PROJETO DE NIEMEYER PREVÊ CONSTRUÇÃO DE UM ANEXO COM ESPAÇO PARA LOJAS, CAFÉS E RESTAURANTES



PARA SABER MAIS//

O Cine Brasília foi inaugurado dentro da programação que comemorou a transferência da capital do país, em 22 de abril de 1960. Diferentemente de hoje, o Cine Brasília tinha 1.200 cadeiras de madeira, disputadíssimas por políticos e intelectuais. A sala, arrendada pelo grupo Severiano Ribeiro, era uma das poucas opções culturais da cidade e oferecia possibilidades de entretenimento aos que ajudaram a construir a capital do



Luiz B. Neto/Arquivo Público do Distrito Federal

CINE BRASÍLIA EM CONSTRUÇÃO

país. Não há certeza de qual foi a primeira película exibida no Cine Brasília. Alguns dizem que foi Anáguas a bordo, com Gary Grant. Outros acreditam que Psicose, de Alfred Hitchcock, consagrou as telas do cinema.

Em 1965, época de ditadura, foi criada a primeira Semana do Cinema Brasileiro. A intenção era trazer as melhores produções nacionais para a capital do país e proporcionar o encontro com cineastas, produtores e técnicos

da área. Hoje, o local é sede do mais importante festival de cinema do país.

Depois de um incêndio, o cinema passou por uma reforma, em 1975, ganhando as mesmas características encontradas ainda hoje. O número de poltronas foi reduzido. As instalações elétricas, revestimentos das paredes, pisos, projetores, sistemas de som e equipamentos de ar-condicionado do cinema foram trocados. A reinauguração foi em 7 de julho de 1976, com a exibição de A pedra da riqueza, de Vladimir Carvalho, e Lição de Amor, de Eduardo Escorel.

NOVA CARA

Atrás do Cine Brasília, o anexo será ocupado por restaurantes, livrarias e lojas de discos. Na lateral, haverá uma área de convivência. O prédio projetado por Niemeyer ainda terá espaço no subsolo, onde devem ficar os banheiros. Pensa-se na criação de uma associação de amigos para administrar o novo prédio, que deve ser construído com ajuda financeira de patrocinadores.

